

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E LACAN (INCONSCIENTE, LINGUAGEM E PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA TEORIA PSICANALÍTICA)

THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT: APPROXIMATIONS BETWEEN
FREUD AND LACAN (UNCONSCIOUS, LANGUAGE AND PRODUCTION OF
SUBJECTIVITY IN PSYCHOANALYTIC THEORY)

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 01/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/790838618](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/790838618)

Sérgio Nunes de Jesus¹

Celso Ferrarezi Junior²

Ingrid Letícia Menezes Barbosa³

RESUMO

O estudo analisa o papel constitutivo da linguagem do sujeito em Freud e Lacan, estabelecendo aproximações entre Psicanálise, Linguística e Análise do Discurso. De abordagem qualitativa e natureza teórico-conceitual, a pesquisa fundamenta-se em levantamento bibliográfico, mediante leitura interpretativa e comparativa de obras de Freud e Lacan, articuladas a produções teóricas da Psicanálise, da Linguística e da Análise do Discurso. Em Freud, evidencia-se que, o sujeito não se reduz à consciência, pois desejos, representações recalcadas e conflitos psíquicos permanecem ativos e retornam em sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas. As tópicas freudianas reforçam, assim, a compreensão da subjetividade dividida, na qual o Ego não detém domínio integral da vida psíquica. Nessa perspectiva, Lacan retoma essa divisão e amplia sua dimensão linguística ao conceber o inconsciente estruturado como linguagem e o sujeito como efeito da cadeia significante e de sua relação com o Outro e a ordem simbólica. Assim, a linguagem não funciona apenas como instrumento de comunicação, mas como condição estruturante da subjetividade e da produção de sentidos. O diálogo entre os autores demonstra que a fala ultrapassa a intenção consciente. Consideramos assim que tais formulações contribuem para os estudos linguísticos e discursivos ao compreenderem o sujeito como atravessado pelo inconsciente, pela história, pela ideologia, pela memória discursiva e pelas relações simbólicas constitutivas de sua experiência social.

Palavras-chave: Sujeito; Inconsciente; Linguagem; Subjetividade; Psicanálise.

ABSTRACT

This study analyzes the constitutive role of language in the subject according to Freud and Lacan, drawing connections between

Psychoanalysis, Linguistics, and Discourse Analysis. Adopting a qualitative approach and a theoretical-conceptual nature, the research is based on a literature review involving the interpretive and comparative reading of works by Freud and Lacan, integrated with theoretical contributions from Psychoanalysis, Linguistics, and Discourse Analysis. In Freud's work, it becomes evident that the subject is not reducible to consciousness, as desires, repressed representations, and psychic conflicts remain active and resurface in dreams, slips of the tongue, parapraxes, and symptoms. Freudian topographies thus reinforce the understanding of a divided subjectivity, in which the Ego does not hold total mastery over psychic life. From this perspective, Lacan revisits this division and expands its linguistic dimension by conceptualizing the unconscious as structured like a language and the subject as an effect of the signifying chain and its relationship with the Other and the symbolic order. Thus, language functions not merely as a communication tool, but as a structuring condition for subjectivity and the production of meaning. The dialogue between these authors demonstrates that speech transcends conscious intention. We therefore consider that such formulations contribute to linguistic and discourse studies by understanding the subject as traversed by the unconscious, history, ideology, discursive memory, and the symbolic relations that constitute their social experience.

Keywords: Subject; Unconscious; Language; Subjectivity; Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

A Psicanálise constituiu-se entre o final do século XIX e o início do século XX, período no qual Sigmund Freud (1856-1939) investigou manifestações psíquicas que não encontravam explicação suficiente

na medicina da época. A publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1900, marcou a sistematização do inconsciente como conceito central da teoria psicanalítica, posteriormente desenvolvido nos estudos sobre os sonhos, os atos falhos, os sintomas e o recalque.

No campo da Linguística, Ferdinand de Saussure (1857-1913) exerceu influência sobre a consolidação do estruturalismo a partir do *Curso de linguística geral*, publicado postumamente por dois de seus seguidores e, pretensamente, com base nas ideias do mestre, em 1916. Entre as décadas de 1930 e 1950, Jacques Lacan (1901-1981) retomou os fundamentos freudianos e aproximou a Psicanálise dos estudos da linguagem. Nesse percurso inicial, Couto (2021) identifica o período anterior à formulação do inconsciente estruturado como linguagem, no qual os conceitos de *representação*, *imago* e *inconsciente*, participavam da explicação acerca da constituição do sujeito. De igual modo, Bueno; Kessler; Wieczorek (2022) examinam as aproximações entre Psicanálise e Linguística a partir dos conceitos de língua, discurso, signo, significante e linguagem, bem como das contribuições de Saussure, Roman Jakobson (1896-1982) e Émile Benveniste (1902-1976).

O debate permanece presente nas discussões sobre as relações entre linguagem, inconsciente e subjetividade. Sendo assim, Imanishi (2021) analisa a metáfora e a significação na construção de sentidos durante a análise, aspecto relacionado ao funcionamento da cadeia significante e às formas indiretas de expressão do desejo. Dessa forma, Bueno; Kessler; Wieczorek (2022) indicam que Lacan incorporou conceitos linguísticos, entretanto atribuiu-lhes função própria no campo psicanalítico, sobretudo ao situar o sujeito do inconsciente para além das funções conscientes de comunicação.

Já Santos; Almeida (2024) aproximam a Psicanálise da escrita de si, compreendendo-se a escrita como espaço no qual experiências e sentidos adquirem novas formas de organização. Por sua vez, Vernizi; Lustoza (2024) abordam o tempo lógico lacaniano e a relação com a posição ocupada pelo sujeito no processo analítico. Esses estudos atualizam a discussão iniciada no século XX, cujo segmento central envolve a relação entre o que o sujeito diz, os sentidos produzidos na fala e os conteúdos inconscientes que atravessam o discurso.

A partir desse contexto, o conceito de sujeito apresenta diferenças relevantes nas teorias de Freud e Lacan. Na perspectiva freudiana, o sujeito não corresponde a uma unidade controlada integralmente pela consciência, uma vez que o inconsciente interfere nos pensamentos, nas escolhas, nos sintomas e nas relações estabelecidas com outras pessoas. As representações recalcadas retornam por meio de formações substitutivas, isto é, sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas que expressam conteúdos, aos quais a consciência não possui acesso direto. Lacan retoma essa divisão subjetiva e a relaciona à ordem simbólica, ao significante e ao Outro, compreendido como o campo da linguagem que antecede e condiciona a entrada do indivíduo nas relações sociais. O problema central da pesquisa consiste, desse modo, na seguinte questão: De que maneira a linguagem participa da constituição do sujeito na teoria freudiana e na releitura lacaniana?

A pesquisa justifica-se pela presença dos conceitos psicanalíticos de sujeito, inconsciente, discurso, desejo e significante em diferentes áreas das Ciências Humanas, sobretudo na Linguística e na Análise do Discurso. É preciso compreender que o sujeito não constitui a origem absoluta dos sentidos expressos na fala, pois ocupa posições

definidas por relações simbólicas, históricas e discursivas, muitas vezes, de ordem secundária. Logo, objetivamos analisar a constituição da linguagem do sujeito nas teorias de Freud e Lacan, considerando as relações estabelecidas entre sujeito, inconsciente e linguagem. Nessa perspectiva, buscamos compreender o inconsciente como fundamento da constituição do sujeito na teoria freudiana, atentando para sua manifestação por meio da linguagem. Em seguida, examinamos, no pensamento lacaniano, as funções do significante, do Outro e da ordem simbólica, fundamentais para compreender o modo como o sujeito se constitui na e pela linguagem. A partir desse percurso, procuramos estabelecer aproximações e diferenças entre as formulações de Freud e Lacan, observando tanto as continuidades quanto as reformulações presentes na concepção lacaniana. Por fim, discutimos as contribuições dessas perspectivas psicanalíticas para os estudos linguísticos e discursivos, sobretudo no que diz respeito à compreensão de um sujeito atravessado pelo inconsciente e constituído nas relações simbólicas e discursivas.

Em consonância com esse percurso de análise, o estudo fundamenta-se em abordagem bibliográfica, qualitativa e de natureza teórico-conceitual, adequada à compreensão das relações entre sujeito, inconsciente e linguagem nas formulações de Freud e Lacan. Para tanto, o *corpus* teórico é constituído por obras fundamentais dos dois autores, em diálogo com estudos constituintes da Psicanálise e produções situadas nos campos da Linguística e da Análise do Discurso, selecionados em razão de sua pertinência para a discussão acerca da constituição do sujeito e dos processos de produção de sentidos. O percurso analítico desenvolve-se por meio da leitura interpretativa e comparativa dos conceitos

mobilizados, buscando evidenciar aproximações, diferenças e possíveis articulações entre as perspectivas freudiana e lacaniana.

Nesse movimento, a investigação não se limita à descrição conceitual, mas procura compreender de que maneira as noções psicanalíticas de inconsciente, significante, Outro e ordem simbólica contribuem para pensar o sujeito em sua relação constitutiva com a linguagem e, conseqüentemente, suas possíveis interlocuções com os estudos linguísticos e discursivos. A segunda seção aborda a constituição do sujeito na teoria freudiana; a terceira examina a releitura lacaniana e o sujeito do significante; a quarta estabelece um diálogo possível entre as ideias de Freud e Lacan; a quinta discute as implicações dessas formulações para os estudos da linguagem; e a sexta apresenta as considerações finais.

2. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA FREUDIANA: O INCONSCIENTE COMO FUNDAMENTO DA LINGUAGEM

2.1. A Descoberta do Inconsciente e a Emergência do Sujeito Psicanalítico

A formulação freudiana do inconsciente modificou a compreensão do sujeito, cuja vida psíquica deixou de ser associada somente à consciência, como ocorria na visão cartesiana. Freud atribuiu ao inconsciente condição dinâmica, formada por representações, desejos e conflitos afastados do campo consciente, mas ainda ativos. Ao justificar essa hipótese, afirma que “[...] a suposição do inconsciente é necessária e legítima [...]” (Freud, 2010, p. 101), pois os dados da consciência apresentam lacunas que exigem a consideração de outros processos psíquicos.

Essas lacunas aparecem em pensamentos, palavras e ações que o sujeito não explica por meio da intenção consciente. Sonhos, atos falhos, esquecimentos e sintomas relacionam-se a experiências e desejos submetidos ao recalque, contudo permanecem atuantes no aparelho psíquico. Segundo Freud (2010), a hipótese do inconsciente permite estabelecer relações entre manifestações que, quando observadas isoladamente parecem desconexas; desse modo, a teoria questiona a equivalência entre consciência e atividade psíquica.

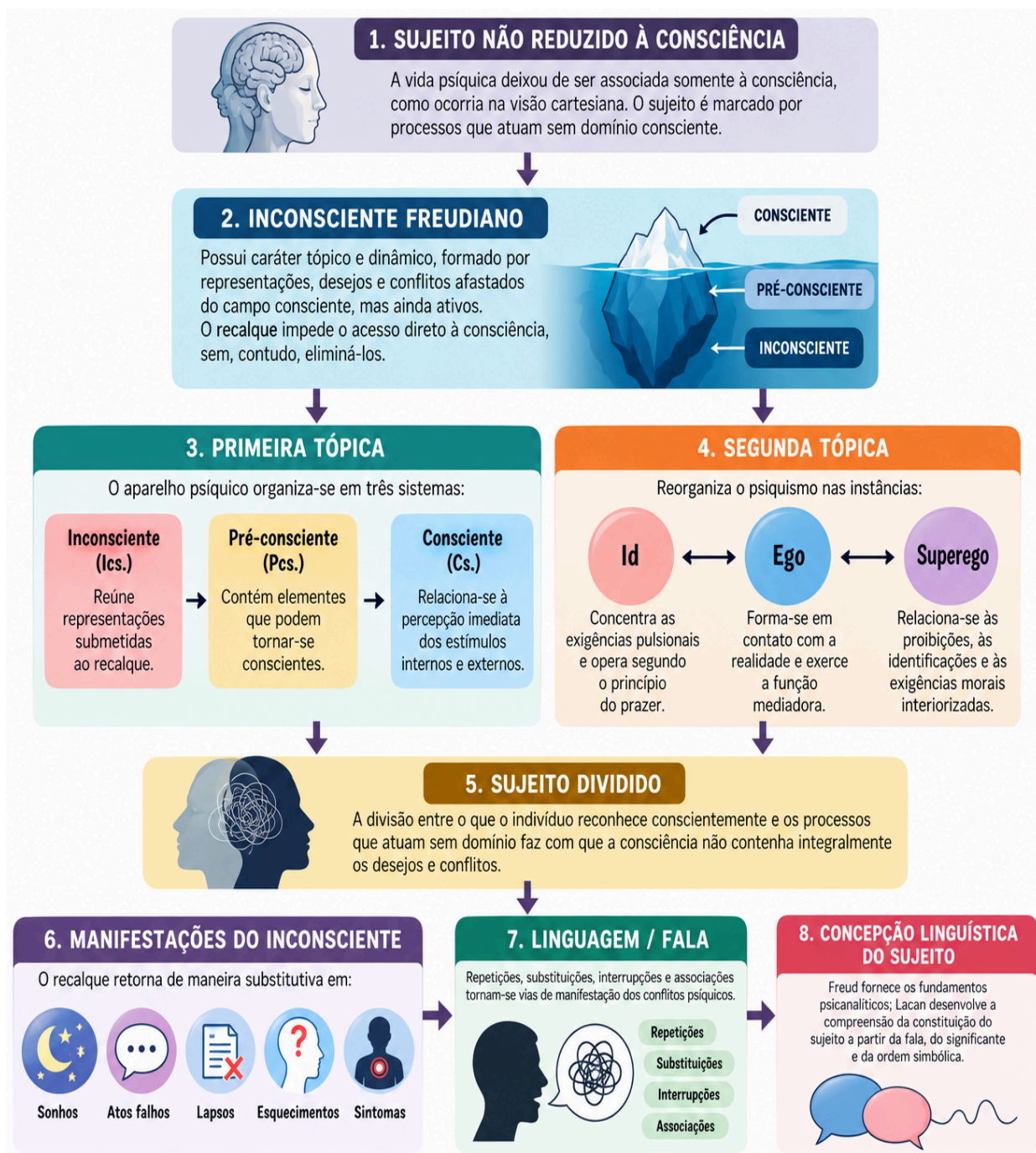
Nesse sentido, Laplanche; Pontalis (2001) explicam que o inconsciente freudiano possui caráter tópico e dinâmico, ou seja, corresponde ao sistema psíquico marcado por forças em conflito. Para os autores, “[...] o psiquismo não é redutível ao consciente [...]” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 235). O recalque impede o acesso direto de determinadas representações à consciência, entretanto não as elimina, pois retornam de maneira substitutiva nos sonhos, nos sintomas, nos esquecimentos e nos equívocos da fala.

A emergência do sujeito psicanalítico decorre da divisão entre aquilo que o indivíduo reconhece conscientemente e os processos que atuam sem domínio. Dessa maneira, Garcia-Roza (2009) esclarece que o inconsciente não constitui substância localizada em uma região profunda da mente, visto que corresponde ao modo de funcionamento. Conforme o autor, trata-se de “[...] uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá [...]” (Garcia-Roza, 2009, p. 174); assim, o sujeito apresenta-se, por conseguinte, dividido, e sua fala consciente não contém integralmente os desejos e conflitos.

2.2. A Primeira e a Segunda Tópicas Freudianas na Formação do Sujeito

A primeira tópica organiza o aparelho psíquico em três sistemas: *inconsciente (Ics.)*, *pré-consciente (Pcs.)* e *consciente (Cs.)*. O inconsciente reúne representações submetidas ao recalque, enquanto o pré-consciente contém elementos que não estão presentes na consciência, mas podem tornar-se conscientes. O sistema consciente relaciona-se à percepção imediata dos estímulos internos e externos. Com isso, Freud (2011) afirma que “[...] a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é a premissa básica da psicanálise [...]” (Freud, 2011, p. 15), pois a consciência corresponde à qualidade do funcionamento psíquico, e não à totalidade.

Figura 1. A questão da consciência.



Fonte: Elaborado pelos autores e desenvolvido pelo ChatGPT *IMAGE*.

Disponível em: <https://chatgpt.com/c/6abba648-6160-83e9-92a1-d9aa0e46b3d0>. Acesso em: 29 set. 2026.

Dessa forma, Garcia-Roza (2009) esclarece que os sistemas da primeira tópica representam lugares psíquicos metafóricos, sem correspondência direta com regiões anatômicas do cérebro. Nesse modelo, o aparelho apresenta funcionamento progressivo e regressivo, no qual as excitações circulam entre os sistemas e encontram diferentes graus de resistência. Conforme o autor, a primeira tópica corresponde à concepção do aparelho psíquico “[...]”

formado por instâncias ou sistemas: o sistema inconsciente, o pré-consciente e o consciente” (Garcia-Roza, 2009, p. 76); outrossim, o conflito entre esses sistemas evidencia que o acesso de uma representação à consciência depende da ação do recalque e da censura.

A metapsicologia tinha aparência de uma linguagem bem-feita. Seus pressupostos eram fáceis de esquematizar. O conflito psíquico, pedra angular da psicanálise, explicava-se por um jogo de forças onde as partes se diferenciavam com nitidez. De um lado, as pulsões sexuais, as representações recalcadas, o princípio do prazer e os processos primários; do outro, as pulsões de autoconservação, as forças recalcantes, o princípio de realidade e os processos secundários. O Ego representava, no sistema PCs-Cs, os interesses da autoconservação e o princípio da realidade. Dele derivava a censura, que mantinha nas fronteiras deste sistema as representações sexuais. Os pólos da tensão eram claros. O Ego recalcava; defendia os interesses da autoconservação e do equilíbrio psíquico (Costa, 1991, p. 110).

A segunda tópica, desenvolvida por Freud em *O ego e o id*, reorganiza a compreensão do psiquismo por meio das instâncias Id, Ego e Superego. O Id concentra as exigências pulsionais e opera segundo o princípio do prazer; o Ego forma-se em contato com a realidade e exerce a função mediadora; o Superego relaciona-se às proibições, às identificações e às exigências morais interiorizadas. Nesse contexto, Laplanche; Pontalis (2001) indicam que essa divisão permite compreender a personalidade como estrutura marcada por

conflitos e relações de dependência entre as instâncias, no qual o Ego não possui domínio completo sobre as forças que procura administrar.

É preciso compreender que a segunda tópica não elimina a primeira, visto que ambas examinam dimensões distintas da vida psíquica. Em consonância, Garcia-Roza afirma que “[...] a nova tríade proposta - Ego, Id e Superego - não vem a substituir a antiga - Consciente, Inconsciente e Pré-consciente” [...] (Garcia-Roza, 2009, p. 181). A primeira tópica privilegia a circulação das representações entre os sistemas e a relação com a consciência, enquanto a segunda concentra-se nos conflitos entre as instâncias psíquicas. Desse modo, o Ego pode apresentar conteúdos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, condição que amplia a compreensão do sujeito como formação dividida e submetida a forças que atuam além da vontade consciente.

2.3. O Ego, o Id e o Superego Como Instâncias da Subjetividade

Na segunda tópica, Freud reorganiza o aparelho psíquico por meio das instâncias denominadas Id, Ego e Superego, cuja atuação ocorre de forma interdependente. O Id corresponde ao segmento inacessível da vida psíquica, no qual se encontram as exigências pulsionais e os desejos inconscientes. O funcionamento orienta-se pela busca de satisfação, sem considerar diretamente as condições impostas pela realidade ou os valores morais. Dito isto, Laplanche; Pontalis (2001) explicam que o Id constitui o polo pulsional da personalidade e reúne conteúdos inconscientes, tanto aqueles herdados quanto os que sofreram a ação do recalque.

Quando Freud afirma que o autoerotismo se caracteriza por uma ausência de objeto sexual exterior, o que ele está defendendo não é a existência de um estado primitivo “anobjetal”, mas sim o caráter contingente do objeto da pulsão sexual, pois é exatamente essa característica que vai distinguir a pulsão sexual do instinto, para o qual haveria um caminho pré-formado em direção a um objeto determinado (Garcia-Roza, 2009, p. 99). (grifos do autor)

O Ego forma-se a partir do contato do organismo com o mundo externo e exerce a função mediadora entre as exigências do Id, as restrições do Superego e as condições da realidade. Entretanto, essa instância não se identifica integralmente com a consciência, visto que parte das operações permanece inconsciente. Em conformidade, Freud (2011) observa que “[...] encontramos no próprio Ego algo que é também inconsciente [...]” (Freud, 2011, p. 21), sobretudo nas resistências que atuam sem que o sujeito consiga reconhecê-las. Sendo assim, o Ego procura organizar as excitações, adiar satisfações e estabelecer formas de ação compatíveis com a realidade, embora não possua controle completo sobre os conflitos que administra.

O conflito patogênico é, pois, um conflito entre os instintos do Ego e os instintos sexuais. Em toda uma série de casos, é como se ele pudesse também ser um conflito entre diversas tendências puramente sexuais; mas isso, no fundo, significa a mesma coisa, uma vez que, das duas tendências sexuais em conflito, uma sempre é conforme ao Ego, por assim dizer, enquanto a outra requer que ele se defenda. Permanece, portanto, um conflito entre o Ego e a sexualidade (Freud, 1916-1917/2014, p. 465).

O Superego constitui-se a partir das identificações, das proibições e das exigências provenientes das figuras parentais e do ambiente social. Essa instância exerce funções de julgamento, censura e idealização, estabelecendo-se modelos, diante dos quais o Eu avalia as ações. A partir desse ponto de vista, Garcia-Roza (2009) aponta que a formação se relaciona ao ideal do Ego e à interiorização das exigências culturais, cuja atuação pode produzir culpa e autocritica. O Superego não representa apenas a consciência moral racional, pois mantém vínculos com o Id e pode atuar de maneira rígida, impondo-se ao Ego exigências difíceis de atender.

A subjetividade forma-se, portanto, no conflito entre as três instâncias. O Id exige satisfação pulsional, o Superego impõe limites e ideais, enquanto o Ego procura conciliar essas pressões com as condições externas. Nessa perspectiva, Laplanche; Pontalis (2001) assinalam que essa divisão permite compreender a personalidade como organização dinâmica, na qual nenhuma instância atua de forma isolada. É preciso compreender que o sujeito não resulta do predomínio estável de uma delas, pois as escolhas, sintomas e relações expressam acordos parciais, tensões e formações de

compromisso entre desejos inconscientes, proibições interiorizadas e exigências da realidade.

2.4. Sonhos, Atos Falhos e Sintomas: A Linguagem Como Manifestação do Inconsciente

Os sonhos ocupam posição central na teoria freudiana porque permitem observar o funcionamento do inconsciente em uma experiência psíquica comum. Para Freud (2019), o conteúdo recordado após o despertar corresponde ao sonho manifesto, enquanto os pensamentos inconscientes identificados pela interpretação formam o conteúdo latente. A passagem entre essas dimensões ocorre pelo trabalho do sonho, cujo funcionamento modifica desejos e representações para que possam alcançar a consciência de maneira disfarçada. A própria organização da obra reserva seções específicas à condensação, ao deslocamento e aos meios de representação, evidenciando-se a função desses mecanismos na formação onírica.

A satisfação causada pela realização do desejo reprimido pode ser tão grande que compensa os afetos penosos ligados aos resíduos diurnos; então o sonho é indiferente em sua tonalidade emocional, embora seja, de um lado, a realização de um desejo, e de outro, a de um temor. Ou pode acontecer que o Ego adormecido participe de maneira ainda mais ampla da formação do sonho, que reaja à satisfação do desejo reprimido com forte indignação e ele próprio ponha fim ao sonho por meio da angústia. Portanto, não é difícil ver que os sonhos desprazerosos e os de angústia também são realizações de desejos conforme nossa teoria, tanto quanto os sonhos de satisfação puros (Freud, 1900/2019, p. 609).

Na condensação, diferentes pensamentos, lembranças e imagens reúnem-se no único elemento do sonho. O deslocamento, por sua vez, transfere a intensidade psíquica de uma representação relevante para outra aparentemente secundária. Assim sendo, Laplanche; Pontalis (2001) explicam esses mecanismos como formas de funcionamento do processo primário, no qual as relações entre as representações não seguem a organização lógica do pensamento consciente. Desse modo, uma pessoa, uma palavra ou uma cena presente no sonho pode concentrar sentidos diversos, cuja compreensão depende das associações produzidas pelo próprio sujeito.

Os atos falhos, os lapsos e os esquecimentos seguem lógica semelhante, pois revelam interferências de intenções inconscientes na ação consciente. A troca de palavras, o esquecimento de um nome ou uma ação realizada de maneira diversa da planejada não

constituem acontecimentos sem sentido para a Psicanálise. Isso posto, Freud (2010) compreende essas manifestações como efeitos de representações recalçadas que permanecem ativas e buscam formas indiretas de expressão. Assim, a linguagem manifesta o conflito entre aquilo que o sujeito pretende dizer e os sentidos que surgem na fala sem domínio integral da consciência.

Os sintomas também constituem formações de compromisso entre o desejo inconsciente e as forças que atuam contra a expressão. Assim, Garcia-Roza (2009) afirma que o material recalçado retorna “[...] sob a forma de sintomas, sonhos, atos falhos etc.” (Garcia-Roza, 2009, p. 79), visto que não pode ser eliminado do aparelho psíquico. O sintoma contém, portanto, a dimensão de sentido, embora a forma permaneça deformada pela ação do recalque. Sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas demonstram que o inconsciente se manifesta por imagens, substituições, palavras e associações, nas quais o sujeito expressa conteúdos que ultrapassam a intenção consciente.

2.5. As Contribuições de Freud para Uma Concepção Linguística do Sujeito

Freud não elaborou uma teoria da linguagem nos mesmos termos da Linguística, contudo atribuiu à fala uma função central no acesso ao inconsciente. Na experiência analítica, o sujeito comunica lembranças, sonhos, fantasias e conflitos por meio de palavras, cujas associações revelam relações que não estavam disponíveis à consciência. Nesse viés, Garcia-Roza (2009) observa que a interpretação psicanalítica não procura apenas o conteúdo imediato do discurso, pois considera os deslocamentos, as repetições e as conexões produzidas durante a fala. Nesse sentido, o sujeito

manifesta a divisão no próprio ato de dizer, uma vez que as palavras apresentam sentidos que ultrapassam a intenção consciente.

O discurso analítico é crucial como via de acesso ao inconsciente do Sujeito. A interpretação dos sonhos e dos sintomas somente acontece na experiência analítica através do discurso do analisando. O discurso analítico constitui uma possibilidade de acesso ao posicionamento do Sujeito desejante (Oliveira, 2012, p. 117).

A associação livre ocupa posição importante nesse processo, visto que solicita ao sujeito a comunicação de pensamentos sem seleção prévia ou organização racional. Essa técnica permite que palavras, lembranças e imagens se articulem segundo relações determinadas pelo funcionamento inconsciente. Ainda nessa linha de pensamento, Freud (2010) explica que as representações inconscientes permanecem ativas e estabelecem conexões entre si, embora encontrem obstáculos para alcançar diretamente a consciência. Desse modo, aquilo que o sujeito repete, interrompe, esquece ou substitui na fala, fornece elementos para a compreensão dos conflitos psíquicos.

Os relatos de sonhos também demonstram a função da linguagem na expressão do inconsciente. Sob esse olhar, Freud (2019) distingue o conteúdo manifesto, recordado e narrado pelo sujeito, dos pensamentos latentes identificados por meio da interpretação. A condensação reúne diferentes representações em única imagem ou palavra, enquanto o deslocamento transfere a intensidade psíquica do elemento para outro. Portanto, Laplanche; Pontalis (2001) associam esses mecanismos ao processo primário, no qual as

representações seguem formas de articulação distintas do pensamento consciente. Assim, o sonho precisa ser narrado e interpretado a partir das associações do sujeito, pois os elementos não possuem significados fixos ou universais. A própria organização de *A interpretação dos sonhos* dedica seções específicas à condensação, ao deslocamento e aos meios de representação do material onírico.

As formulações freudianas ofereceram, por conseguinte, fundamentos para a concepção do sujeito constituído em relações simbólicas, ainda que Freud (2019) não tenha definido o inconsciente como estrutura linguística. Por esse viés, Lacan (1998) retoma esses fundamentos e desloca a discussão para a fala, o significante e a ordem simbólica. Em *Escritos*, sobretudo no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1998) atribui à linguagem a posição constitutiva na experiência analítica, no qual a palavra se dirige ao Outro e produz efeitos sobre o sujeito; esse texto, conhecido como “Discurso de Roma”, organiza o programa lacaniano de releitura da Psicanálise a partir das funções da fala, da linguagem e da ordem simbólica.

3. A RELEITURA LACANIANA DO SUJEITO: DA LINGUAGEM AO SUJEITO DO SIGNIFICANTE

3.1. O Retorno de Lacan a Freud

O retorno de Lacan a Freud corresponde à retomada dos fundamentos que definem a experiência psicanalítica, entre os quais se encontram o inconsciente, o recalque, o desejo e a divisão do sujeito. Essa proposta não consistiu em repetir de forma literal os textos freudianos, mas em recuperar conceitos que haviam perdido

centralidade em determinadas leituras posteriores. Conforme Lacan (1998) questionou, sobretudo, as abordagens que identificavam o tratamento psicanalítico com o fortalecimento e a adaptação do Ego, pois essa orientação reduzia o alcance da descoberta freudiana acerca do inconsciente. Com isso, Dor (1989) explica que o retorno a Freud restabelece a divisão subjetiva como fundamento da Psicanálise, afastando-se a ideia do indivíduo capaz de alcançar pleno domínio sobre si.

A crítica lacaniana dirigiu-se especialmente à Psicologia do Ego, corrente que atribuía à instância egóica a função central na organização e na adaptação do indivíduo à realidade. Em sentido diverso, Lacan (1998) compreende o Ego como a formação imaginária, constituída por identificações e desconhecimentos, o que impede a associação direta com o sujeito do inconsciente. Logo, Fink (1998) assinala que o sujeito lacaniano surge de maneira dividida e não coincide com a imagem consciente que constrói sobre si. Desse modo, a prática analítica não se orienta pela consolidação da identidade estável, pois examina as rupturas, repetições e contradições pelas quais o desejo inconsciente aparece na fala.

Em *O seminário, livro 11*, Lacan (2008) retoma os conceitos de inconsciente, repetição, transferência e pulsão para delimitar o campo específico da Psicanálise. Nesse percurso, afirma que “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem [...]” (Lacan, 2008, p. 27), formulação que situa os processos inconscientes nas relações estabelecidas entre significantes. Isso significa que o inconsciente não constitui depósito de conteúdos ocultos, uma vez que se manifesta nos lapsos, nos sonhos, nos sintomas e nas descontinuidades do discurso. O sujeito aparece nesses intervalos,

cujas emergências revelam que a fala produz sentidos além daqueles controlados conscientemente.

Para desenvolver essa releitura, Lacan (2008) estabeleceu interlocução com a Linguística estrutural, a Antropologia de Lévi-Strauss e diferentes segmentos da Filosofia. Os estudos linguísticos forneceram elementos para a elaboração das noções de significante e cadeia significante, enquanto a Antropologia estrutural contribuiu para a compreensão da ordem simbólica e das relações de parentesco. A Filosofia, por sua vez, participou das discussões sobre desejo, reconhecimento e constituição subjetiva. Em *Escritos*, Lacan (1998) articula esses campos sem abandonar a referência freudiana, visto que a linguagem passa a esclarecer a lógica presente nas formações do inconsciente. O retorno a Freud representa, por conseguinte, a releitura na qual o sujeito permanece marcado pelo recalque e pelo desejo, contudo a divisão é examinada a partir da fala, da linguagem e do campo do Outro.

3.2. O Estágio do Espelho e a Constituição do Ego

O Estágio do Espelho descreve o processo pelo qual a criança se identifica com uma imagem corporal percebida como unificada. Essa experiência ocorre no período marcado pela dependência motora e pela ausência de domínio completo sobre o próprio corpo. Diante do espelho, a imagem oferece forma organizada que contrasta com as sensações de descoordenação e fragmentação. Sendo assim, Lacan (1998) define a identificação como “[...] a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem [...]” (Lacan, 1998, p. 97), indicando-se que a formação do Eu depende da referência situada fora do indivíduo.

A imagem especular antecipa a unidade que a criança ainda não experimenta corporalmente, por isso produz satisfação e reconhecimento. Entretanto, essa unidade possui caráter imaginário, pois se sustenta na forma externa com a qual o sujeito se identifica. Logo, Dor (1989) explica que o Ego se constitui por meio dessa identificação primordial na qual a criança assume como própria a imagem proveniente do exterior. Assim, a experiência do espelho participa da formação do Eu, ao mesmo tempo que estabelece a relação de dependência com a imagem e com o semelhante.

Em *O seminário, livro 2*, Lacan (1985) desenvolve a dimensão imaginária do Ego e ressalta que a unidade não corresponde ao domínio efetivo da vida psíquica. O Ego organiza a representação de coerência e continuidade, contudo permanece marcado pelo desconhecimento da origem externa. Segundo diferencia Fink (1998), essa é uma formação imaginária do sujeito do inconsciente, cuja manifestação ocorre nas rupturas da fala, nos lapsos e nas formações significantes. Assim, aquilo que o indivíduo reconhece como identidade não abrange os processos inconscientes que participam da constituição.

A distinção entre o Ego e o sujeito do inconsciente, impede que o Estágio do Espelho seja compreendido apenas como reconhecimento visual. Trata-se de modelo da constituição subjetiva, no qual a unidade pessoal surge por meio da relação com a imagem do outro. O Ego pertence predominantemente ao registro imaginário, enquanto o sujeito do inconsciente se relaciona à ordem simbólica e à linguagem. A formação subjetiva envolve a identificação que oferece unidade ao corpo, embora preserve a divisão entre a imagem assumida pelo Ego e os desejos que aparecem além do controle consciente.

3.3. O Sujeito do Inconsciente e a Ordem Simbólica

Na teoria lacaniana, o sujeito constitui-se pela entrada na ordem simbólica, formada pela linguagem, pelas normas e pelos discursos que organizam os vínculos sociais. Essa estrutura antecede o nascimento do indivíduo, visto que o nome, a posição familiar e parte das expectativas dirigidas a ele se encontram inscritos no discurso do Outro. Além disso, Dor (1989) explica que a submissão à ordem simbólica produz a divisão inaugural, pois o sujeito precisa representar as necessidades e os desejos por meio de significantes que não foram criados por ele. Desse modo, a constituição subjetiva ocorre no interior da rede simbólica que orienta as posições e as formas pelas quais o indivíduo poderá reconhecer-se e relacionar-se com os demais.

O ingresso na linguagem exige que a experiência seja organizada por palavras, diferenças e relações entre significantes. Entretanto, nenhum significante expressa de maneira completa aquilo que o sujeito é, pois, cada termo adquire sentido apenas na articulação com outros elementos da cadeia. Por sua vez, Lacan (1998) afirma que “[...] um significante é o que representa o sujeito para outro significante [...]” (Lacan, 1998, p. 833), indicando-se que o sujeito não possui essência anterior à linguagem, uma vez que emerge no movimento entre os significantes. A fala exerce, por conseguinte, uma função constitutiva, no qual o sujeito aparece de forma parcial e permanece atravessado por sentidos que não controla integralmente.

O sujeito do inconsciente não se confunde com o Ego consciente, cuja organização depende de imagens, identificações e representações de unidade. Conforme distingue Fink (1998), a fala

produzida pelo Ego das manifestações nas quais algo diferente da intenção consciente se apresenta, como os lapsos, as repetições, os esquecimentos e os equívocos. Nessas formações, o sujeito surge de maneira descontínua, isto é, aparece no momento e logo desaparece sob novos significantes. Em *O seminário, livro 11*, Lacan (2008) aborda o inconsciente como a abertura que se manifesta nas falhas do discurso, afastando-se a ideia da interioridade estável e acessível ao conhecimento consciente.

Assim, a ordem simbólica organiza as relações entre o sujeito, o desejo e o Outro, compreendido como o campo no qual a linguagem se encontra estabelecida. As normas sociais, os discursos familiares e os significantes recebidos do Outro participam da forma pela qual o sujeito interpreta sua experiência e atribui sentido ao que vive. Contudo, essa inserção não produz a identidade completa, pois permanece a distância entre o que o sujeito procura dizer e aquilo que se manifesta na fala; nesse sentido, o sujeito lacaniano apresenta-se como efeito da ordem simbólica, cuja existência se torna perceptível nos cortes, nas contradições e nas formações do inconsciente.

3.4. A Linguagem Como Estrutura do Inconsciente

A formulação segundo a qual o inconsciente é estruturado como linguagem indica que as manifestações não ocorrem de maneira aleatória. Sonhos, lapsos, sintomas e repetições organizam-se por relações entre elementos que substituem, combinam e remetem uns aos outros. Dessa forma, Dor (1989) explica que Lacan retoma as formações descritas por Freud e as examina a partir da lógica do significante, na qual o sentido não se encontra isolado na palavra, pois depende da articulação com outros termos. O inconsciente

aparece, assim, nas falhas e nos desvios da fala, isto é, naquilo que se manifesta além da intenção consciente do sujeito.

A aproximação com a Linguística parte da concepção de Saussure (2012), para quem a língua constitui o sistema no qual os signos adquirem valor pelas diferenças e relações. Assim sendo, Lacan (1998) desloca essa perspectiva ao atribuir primazia ao significante, visto que a palavra pode produzir efeitos distintos conforme a posição na cadeia discursiva. Em *Escritos*, questiona: “Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?” (Lacan, 1998, p. 814). A questão evidencia que a estrutura significante participa da própria constituição do sujeito, cuja fala permanece atravessada por relações simbólicas que não controla integralmente.

O funcionamento dessa cadeia ocorre por operações de combinação e substituição. A combinação aproxima significantes em uma sequência, enquanto a substituição permite que um elemento ocupe o lugar de outro e produza novos sentidos. Lacan relaciona essas operações à metonímia e à metáfora, aproximando-as, respectivamente, do deslocamento e da condensação presentes nas formações do inconsciente. Nessa perspectiva, Benveniste (2005) contribui para a discussão, ao situar a linguagem como condição pela qual o indivíduo se constitui como sujeito e ocupa posição na enunciação. Logo, o inconsciente não se limita aos conteúdos ocultos, pois se torna reconhecível nas articulações, interrupções e ambiguidades produzidas no discurso.

É preciso compreender, contudo, que Lacan não aplica de forma integral a teoria linguística ao campo psicanalítico. A leitura realiza a apropriação e, de igual modo, a transformação de conceitos

provenientes de Saussure e de outros linguistas, visto que o interesse recai sobre o desejo, o recalque e a divisão subjetiva. O próprio Lacan diferencia a formulação da Linguística, ao indicar que o inconsciente possui a mesma estrutura da linguagem, sem reduzi-lo ao sistema destinado apenas à comunicação. A linguagem exerce, por conseguinte, uma função constitutiva, na qual o significante organiza as formações inconscientes e representa o sujeito nas relações com outros significantes.

3.5. O Significante, o Outro e a Constituição do Sujeito

Na perspectiva lacaniana, o significante não possui valor de maneira isolada, pois a função depende das relações estabelecidas com outros significantes. Essa concepção retoma a teoria do valor de Saussure (2012), segundo a qual os elementos da língua se definem por diferenças e oposições dentro do sistema. Logo, Lacan (1998) desloca esse princípio para o campo psicanalítico, compreendendo-se a fala como uma cadeia na qual cada termo remete a outros e produz efeitos de sentido que não permanecem fixos. O significante participa, desse modo, da constituição subjetiva, visto que o sujeito utiliza palavras recebidas do campo social para representar os desejos e interpretar a experiência.

Ainda na mesma linha de raciocínio – é importante considerar que o sujeito não ocupa a posição exterior a essa cadeia, pois surge nos intervalos e nas articulações entre os elementos. Com isso, afirma que “[...] um significante é o que representa o sujeito para outro significante” [...] (Lacan, 1998, p. 833). Essa formulação indica que nenhuma palavra representa o sujeito de forma completa e definitiva, uma vez que cada significante exige a relação com outro para produzir significação. Em consonância, Fink (1998) explica que o

sujeito lacaniano aparece como efeito desse movimento, sobretudo nos lapsos, nas repetições e nas contradições pelas quais o inconsciente interrompe a continuidade do discurso consciente.

O conceito de Outro designa o campo simbólico, no qual se encontram a língua, as normas, os discursos e os significantes que antecedem o indivíduo. Antes mesmo do nascimento, o sujeito ocupa lugar nas falas, nas expectativas e nas relações familiares, cuja organização fornece as primeiras referências para a inserção social. De igual modo, Dor (1989) assinala que a entrada na linguagem submete o sujeito a uma estrutura que não foi criada por ele, embora exerça a função na forma pela qual reconhece a si mesmo e dirige as demandas. O Outro não corresponde, portanto, somente a outra pessoa, pois representa o lugar simbólico a partir do qual as palavras adquirem valor e retornam ao sujeito sob diferentes sentidos.

A constituição subjetiva ocorre na relação entre o sujeito, a cadeia significante e o campo do Outro. Em *O seminário, livro 11*, Lacan (2008) explica que o sujeito surge de maneira descontínua, pois aparece no significante e logo se apaga sob aquele que o sucede. Essa condição impede o domínio integral dos sentidos produzidos na fala, visto que as palavras carregam associações, discursos anteriores e determinações inconscientes. O sujeito constitui-se como um efeito da linguagem, cuja existência se manifesta nos deslocamentos da cadeia significante e na distância entre aquilo que pretende dizer e o que efetivamente aparece no discurso.

4. FREUD E LACAN EM DIÁLOGO: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PELA LINGUAGEM

4.1. Continuidade Entre Freud e Lacan

A relação entre Freud e Lacan fundamenta-se na preservação do inconsciente como referência central da Psicanálise. Assim, Freud (2010) demonstrou que a vida psíquica não se limita à consciência, pois desejos e representações recalçadas permanecem ativos e retornam por meio de sonhos, sintomas, lapsos e atos falhos. Dessa forma, Lacan (2008) retoma esse princípio e rejeita interpretações voltadas principalmente ao fortalecimento do Ego, visto que enfraquecem a dimensão do desejo e da divisão subjetiva. Outrossim, o retorno a Freud recupera a concepção na qual o sujeito consciente não domina integralmente as ações, a fala e os sentidos que produz.

A continuidade entre Freud e Lacan pode ser observada, de igual modo, nas diferentes leituras realizadas sobre o mesmo material clínico. Ao comparar as interpretações do caso do pequeno Hans, Bonfim (2015) assinala:

Os dois teóricos concordam quanto a alguns comportamentos de Hans, como seu instinto de inquérito, sua curiosidade pelas questões sexuais, a riqueza de informações e de articulações no discurso da criança, além do interesse pelo seu órgão sexual e dos outros ter figurado em caráter de valor no início do caso. Pertinente à formação sexual de Hans, observou-se a proibição da mãe diante das atividades masturbatórias, que se expressavam não apenas pelo ato de tocar o pênis, mas também eram acompanhadas do exibicionismo característico de Hans (Bonfim, 2015, p. 44).

A continuidade também se observa na compreensão do recalque e do retorno do recalcado. Para Freud (2019), o recalque impede que determinadas representações alcancem diretamente a consciência, contudo não elimina a atividade psíquica. Essas representações encontram formas substitutivas de expressão, sobretudo nos sonhos e nos sintomas. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2019) atribui ao sonho valor teórico como modelo para a compreensão de outras formações psíquicas, afirmando-se que quem não explicar a origem terá dificuldades para compreender as ideias obsessivas e delirantes (Freud, 2019). Nesse sentido, Garcia-Roza (2009) esclarece que o inconsciente se torna reconhecível justamente por esses efeitos, cuja organização revela a lógica própria.

Essa estrutura fundamental é preservada por Lacan (2008), entretanto este reorganiza as formações inconscientes por meio das noções de linguagem e significante. Sob esse olhar, Dor (1989) explica que a condensação e o deslocamento descritos por Freud (2019) são aproximados, na releitura lacaniana, das operações de metáfora e metonímia. O conteúdo recalcado não retorna de forma direta, pois se manifesta em substituições, encadeamentos e desvios presentes no discurso. Em *Escritos*, Lacan formula que “[...] o inconsciente é o discurso do Outro [...]” (Lacan, 1998, p. 529), situando-se a experiência inconsciente no campo simbólico que antecede o indivíduo e participa da constituição do desejo.

Em *O seminário, livro 11*, Lacan (2008) retoma o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão como conceitos fundamentais da Psicanálise. A leitura mantém a descoberta freudiana do sujeito dividido, porém define esse sujeito como efeito da cadeia significante. A experiência clínica relatada por Freud, permite reconhecer essa emergência nos tropeços da fala, nos atos falhos e

nos sintomas, embora o conceito de sujeito tenha recebido elaboração específica na obra lacaniana. A continuidade entre ambos reside na concepção de que o desejo inconsciente produz efeitos sobre o sujeito, enquanto a diferença se encontra no modo pelo qual Lacan formaliza esses efeitos a partir da linguagem, do Outro e da ordem simbólica.

4.2. O Sujeito do Desejo e o Sujeito do Significante

Na teoria freudiana, o sujeito encontra-se marcado por desejos que não se apresentam integralmente à consciência. As representações submetidas ao recalque permanecem ativas e interferem na fala, nas escolhas e nos sintomas, mesmo quando o indivíduo desconhece sua origem. Dessa forma, Freud (2010) demonstra que o desejo inconsciente procura formas indiretas de expressão, pois encontra resistências que impedem sua manifestação direta. Com isso, Laplanche; Pontalis (2001) esclarecem que o desejo se relaciona às experiências de satisfação e às representações que procuram restabelecê-las, sem se reduzir a uma necessidade biológica ou a uma decisão consciente.

A segunda tópica amplia essa compreensão, ao mostrar que o sujeito se constitui por conflitos entre exigências pulsionais, limites morais e condições da realidade. Em *O ego e o id*, Freud (2011) apresenta o Ego como uma instância submetida a diferentes pressões, o que impede a identificação como centro autônomo de decisão. O desejo, nesse sentido, não corresponde apenas àquilo que o indivíduo declara querer, pois envolve determinações inconscientes que entram em conflito com as proibições interiorizadas e com as formas de satisfação admitidas pelo Ego. A

subjetividade freudiana caracteriza-se, assim, por acordos parciais e formações de compromisso entre forças psíquicas distintas.

Consequentemente, Lacan (1998) desloca essa discussão, ao definir o sujeito como efeito da cadeia significante. Em vez de considerar o desejo como propriedade de um indivíduo constituído, a teoria examina como o sujeito emerge nas relações entre os significantes recebidos do campo do Outro. Conforme Lacan (1998), “[...] o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito [...]” (Lacan, 1998, p. 849), formulação que indica que o sujeito não constitui a origem soberana da fala, pois se forma a partir da estrutura linguística que o antecede. Dessa maneira, Fink (1998) explica que esse sujeito possui caráter dividido e descontínuo, visto que aparece em determinados pontos do discurso sem alcançar a representação completa de si.

A aproximação entre o sujeito do desejo e o sujeito do significante encontra-se na impossibilidade de domínio integral sobre aquilo que se deseja e se diz. Em Freud, o desejo retorna de maneira deformada porque sofre a ação do recalque; em Lacan, se articula no intervalo entre significantes e permanece ligado à falta que movimenta a cadeia discursiva. Desse modo, a contribuição lacaniana não elimina a concepção freudiana, mas explicita a dimensão linguística. O sujeito manifesta-se na distância entre a intenção consciente e os efeitos produzidos pelas palavras, cujas ambiguidades, substituições e repetições revelam que o desejo não se apresenta de forma completa ou transparente.

4.3. A Centralidade da Linguagem na Constituição da Subjetividade

Em Freud, a linguagem adquire importância porque as formações do inconsciente somente se tornam acessíveis por meio de relatos, palavras, associações e interpretações. Nos sonhos, o desejo inconsciente não aparece de forma direta, pois passa por mecanismos como condensação e deslocamento, cujos efeitos reorganizam imagens, lembranças e representações. De igual modo, sintomas e atos falhos possuem a dimensão de sentido, visto que expressam conflitos recalcados de maneira substitutiva. A linguagem constitui, assim, o meio pelo qual essas formações podem ser narradas e relacionadas à história do sujeito, embora Freud não tenha formulado a teoria linguística autônoma.

A concepção freudiana também demonstra que as palavras não permanecem submetidas integralmente à intenção consciente. O nome esquecido, a troca de termos ou a repetição inesperada, indicam que o discurso sofre interferências de processos inconscientes. Nesse contexto, Freud (2010) compreende o inconsciente como sistema ativo, no qual representações recalcadas estabelecem ligações e procuram vias indiretas de expressão. Logo, a fala não apenas comunica informações, mas apresenta marcas da divisão psíquica e permite reconhecer desejos que o próprio sujeito desconhece.

Dessa maneira, Lacan (1998) amplia essa relação, ao afirmar que a linguagem não constitui somente o meio de manifestação do inconsciente, pois participa da formação do sujeito. Em *Escritos*, a fala é situada no campo do discurso e das relações simbólicas, por meio das quais o sujeito constrói sentidos sobre a experiência. Assim, Lacan (1998) afirma que “[...] a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1998, p. 498). A linguagem

antecede o indivíduo, uma vez que nomes, vínculos familiares, normas e formas de significação se encontram presentes antes que possa falar.

Essa passagem pode ser compreendida a partir da teoria de Saussure (2012), segundo a qual os elementos linguísticos adquirem valor pelas relações que mantêm no interior do sistema. Com isso, Lacan (1998) desloca essa formulação para examinar a constituição subjetiva, atribuindo-se ao significante a função relacionada ao inconsciente e ao desejo. Além disso, Dor (1989) destaca que o sujeito se encontra submetido à organização significante, enquanto Fink (1998) esclarece que a emergência ocorre nas falhas e nos intervalos do discurso. Portanto, em Freud (2010), a linguagem permite reconhecer as formações inconscientes; em Lacan (1998), exerce função estrutural, no qual a subjetividade se constitui por meio dos significantes que organizam a relação do sujeito consigo mesmo e com o Outro.

4.4. Contribuições da Psicanálise para os Estudos da Linguagem

A aproximação entre Psicanálise e estudos da linguagem amplia a compreensão da fala, que deixa de ser considerada apenas instrumento de transmissão consciente de informações. Sob essa perspectiva, Saussure (2012) demonstra que a língua constitui o sistema no qual os signos adquirem valor pelas relações de diferença estabelecidas entre seus elementos. A Psicanálise acrescenta a esse campo a consideração de que o falante não controla integralmente os efeitos das palavras, pois ambiguidades, repetições, esquecimentos e contradições expressam processos que ultrapassam a intenção comunicativa. Em Lacan (1998), a linguagem participa da constituição do sujeito, cuja fala se encontra atravessada

por significantes provenientes do campo social e das relações com o Outro.

Essa concepção estabelece a aproximação com os estudos da enunciação de Benveniste (2005), para quem a subjetividade se manifesta na própria utilização da língua. Conforme o autor, “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 2005, p. 286). O uso de formas como ‘eu’ e ‘tu’, instaura posições discursivas e estabelece a relação de intersubjetividade, isto é, o locutor constitui-se como sujeito ao dirigir a fala a outro participante. Desse modo, a linguagem não apenas representa a realidade previamente formada, pois exerce a função na organização da experiência e nas posições assumidas pelos interlocutores durante a enunciação.

Na Análise do Discurso (AD), Pêcheux (2014) desenvolve essa discussão ao relacionar língua, ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. O sentido não se origina de maneira autônoma na consciência do falante, visto que depende das formações discursivas e das condições históricas nas quais o enunciado se insere. Dessa forma, Orlandi (2020) explica que o discurso constitui espaço de produção de sentidos entre sujeitos, cuja interpretação envolve a memória discursiva, os silêncios e os dizeres anteriores. A influência psicanalítica aparece, sobretudo, na concepção do sujeito dividido, que desconhece parte das determinações presentes em sua própria fala.

Nessa perspectiva, Maingueneau (1997) amplia o campo da Análise do Discurso, ao considerar que os enunciados não podem ser separados das condições institucionais e sociais em que circulam. O discurso envolve posições de enunciação, gêneros, lugares sociais e

formas de legitimação que orientam aquilo que pode ser dito e interpretado em determinado contexto. Nesse campo de estudos, a contribuição da Psicanálise reside no reconhecimento de que a fala contém deslocamentos, silêncios e contradições que não se explicam somente pelas regras formais da língua. Assim, os estudos da linguagem passam a considerar o sujeito como a posição constituída no discurso, atravessada pela história, pela ideologia e pelo inconsciente.

5. A LINGUAGEM COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE: IMPLICAÇÕES PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

5.1. A Linguagem Como Produção de Sentidos

A linguagem constitui espaço de produção de sentidos, visto que as palavras não apresentam significados independentes das relações que estabelecem no interior da língua. Assim, Saussure (2012) explica que o valor do signo decorre das diferenças mantidas com os demais elementos do sistema, ou seja, unidade linguística adquire função por oposição e associação. Logo, o sentido não se encontra pronto em palavras isoladas, pois depende da estrutura na qual elas se inserem e das combinações formadas durante o uso da língua. Essa perspectiva fornece a base para compreender que a significação resulta de relações e não da correspondência fixa entre palavras e objetos.

Em conformidade, Benveniste (2005) amplia essa discussão, ao relacionar a linguagem ao ato de enunciação. Para o autor, o sistema linguístico transforma-se em discurso quando um locutor se apropria da língua e se posiciona diante de outro sujeito. As formas 'eu' e 'tu', por exemplo, não possuem referência permanente, pois

identificam posições assumidas em cada situação enunciativa. A produção de sentidos envolve a relação entre os interlocutores, o contexto e as escolhas linguísticas efetuadas no discurso.

Dessa forma, Pêcheux (2014) desloca a análise para as condições históricas e ideológicas nas quais os discursos são produzidos. Nessa perspectiva, o sentido não existe de maneira autônoma na palavra ou expressão, pois se modifica conforme as posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos e as formações discursivas às quais os enunciados se vinculam. A mesma palavra pode adquirir sentidos distintos em discursos políticos, religiosos, científicos ou cotidianos, visto que cada campo estabelece formas próprias de nomear e interpretar a realidade. Assim, a língua oferece a materialidade do discurso, contudo a significação depende dos conflitos e das relações presentes na história.

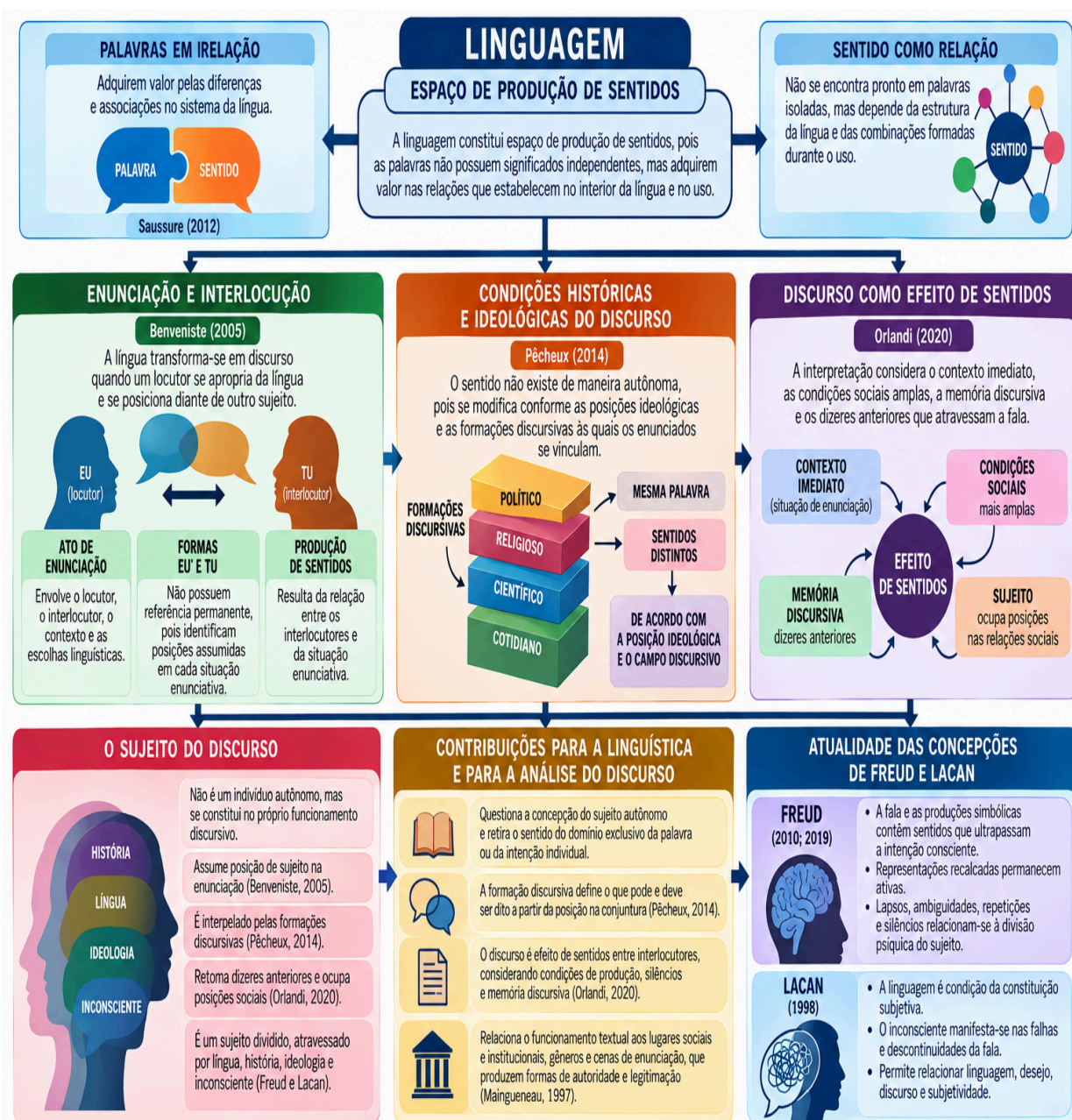
Sob esse olhar, Orlandi (2020) desenvolve essa concepção, ao compreender o discurso como efeito de sentidos entre sujeitos. A interpretação do enunciado considera o contexto imediato, as condições sociais amplas, a memória discursiva e os dizeres anteriores que atravessam a fala. Então, o sujeito não produz sentidos de modo independente, pois retoma formulações existentes e ocupa posições estabelecidas nas relações sociais. A linguagem configura-se como espaço no qual língua, história e ideologia se articulam, de modo que os sentidos permanecem sujeitos a deslocamentos, ambiguidades e novas interpretações.

5.2. O Sujeito do Discurso

O sujeito discursivo não corresponde ao indivíduo autônomo que utiliza a linguagem para expressar pensamentos previamente

organizados. A constituição ocorre no próprio funcionamento discursivo, a partir das relações entre língua, história e posições sociais. Com isso, Benveniste (2005) contribui para essa discussão, ao demonstrar que o locutor assume a posição de sujeito ao apropriar-se da língua e dirigir-se a um interlocutor. Formas como 'eu' e 'tu', adquirem referência em cada situação de enunciação, de modo que, a subjetividade se manifesta nas relações estabelecidas durante o ato de dizer.

Figura 2. Sujeito, Linguagem, Sentidos.



Fonte: Elaborado pelos autores e desenvolvido pelo ChatGPT *IMAGE*.

Disponível em: <https://chatgpt.com/c/6abba648-6160-83e9-92a1-d9aa0e46b3d0>. Acesso em: 29 set. 2026.

Assim sendo, Pêcheux (2014), como vimos, amplia essa perspectiva. Segundo o autor, “[...] os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 2014, p. 147). Desse modo, o sujeito fala a partir de redes de sentido anteriores, ainda que experimente o dizer como pessoal e originário. A Análise do Discurso também questiona, assim, a ideia de que a consciência controla plenamente a origem e os efeitos do enunciado.

Nesse sentido, Orlandi (2020) explica que o discurso se relaciona com a memória formada por dizeres anteriores, os quais retornam e participam da interpretação. O sujeito seleciona palavras e formula enunciados, entretanto essas escolhas ocorrem dentro de possibilidades determinadas historicamente. Expressões utilizadas em discursos jurídicos, políticos, religiosos ou científicos, por exemplo, retomam sentidos constituídos em outros momentos e contextos. Por conseguinte, o sujeito discursivo ocupa uma posição a partir da qual determinados sentidos se tornam possíveis, enquanto outros permanecem apagados, silenciados ou deslocados.

A influência da Psicanálise aparece na concepção do sujeito dividido, que não possui conhecimento integral das determinações presentes em sua fala. A noção de sujeito discursivo articula, desse modo, história, ideologia e inconsciente, pois o dizer resulta tanto das posições sociais quanto das relações significantes que antecedem e atravessam aquele que fala.

5.3. Contribuições para a Linguística e para a Análise do Discurso

Como vimos, a aproximação da Linguística com a Psicanálise permitiu que os estudos linguísticos questionassem a concepção do sujeito autônomo, cuja fala corresponderia à expressão direta de pensamentos plenamente conscientes.

Na Análise do Discurso, Pêcheux (2014) articula língua, ideologia e inconsciente para explicar que a formação discursiva define aquilo que pode e deve ser dito a partir da posição inserida na conjuntura específica. Desse modo, palavras formalmente idênticas adquirem sentidos distintos quando empregadas em discursos também distintos. A contribuição dessa perspectiva para a Linguística,

consiste em retirar o sentido do domínio exclusivo da palavra ou da intenção individual, situando-o nas relações entre materialidade linguística, história e ideologia.

Orlandi (2020), por sua vez, desenvolve essa proposta conceituando o discurso como efeito de sentidos entre interlocutores. A interpretação considera as condições de produção, os silêncios, os dizeres anteriores e a memória discursiva, isto é, o conjunto de formulações existentes que participa do que pode ser dito em determinada situação. O sujeito retoma essa memória sem reconhecer integralmente a procedência, razão pela qual a experimenta como própria em sua fala atravessada por discursos anteriores. A Análise do Discurso contribui para compreender-se que os enunciados se vinculam aos processos históricos e institucionais que estabilizam certos sentidos e permitem o deslocamento.

Sob esse olhar, Maingueneau (1997) amplia o campo, ao relacionar o funcionamento textual aos lugares sociais e institucionais nos quais os discursos circulam. Para o autor, a Análise do Discurso é a disciplina que “[...] visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social [...]” (Maingueneau, 1997, p. 13), em vez de restringir-se à estrutura interna do texto ou à explicação externa do contexto. Essa perspectiva introduz categorias como posição enunciativa, gênero discursivo, cena de enunciação e instituição, por meio das quais se observa que o discurso produz formas de autoridade e legitimação. A Linguística, de forma geral, e a Análise do Discurso, mais especificamente, passam, desse modo, a examinar a relação entre língua, sujeito, inconsciente, história e práticas sociais.

5.4. A Atualidade das Concepções de Freud e Lacan nos Estudos da Linguagem

As concepções de Freud (2019) permanecem relevantes para os estudos da linguagem, porque demonstram que a fala e as produções simbólicas contêm sentidos que ultrapassam a intenção consciente. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2019) evidencia que imagens, palavras e lembranças se articulam por condensações, deslocamentos e substituições, cujo funcionamento modifica o conteúdo inconsciente antes da apresentação à consciência. De igual modo, em *O inconsciente*, Freud (2010) explica que as representações recalçadas permanecem ativas e encontram vias indiretas de expressão. Essa perspectiva sustenta análises que consideram lapsos, ambiguidades, repetições e silêncios como elementos relacionados à divisão psíquica do sujeito.

Assim, Lacan (1998) amplia essa contribuição, ao situar a linguagem como condição da constituição subjetiva. Em *Escritos*, o inconsciente passa a ser examinado por meio da articulação entre significantes, enquanto, em *O seminário, livro 11*, sua manifestação é associada às falhas e descontinuidades da fala. A permanência dessa abordagem, observa-se em estudos que relacionam linguagem, desejo, discurso e subjetividade.

A Análise do Discurso incorpora parte dessas formulações ao questionar a concepção do falante autônomo e plenamente responsável pela origem dos sentidos. A influência psicanalítica aparece na compreensão de que o sujeito desconhece parte das determinações presentes na própria fala, cuja materialidade reúne língua, história, ideologia e inconsciente.

Além disso, Maingueneau (1997) contribui para essa discussão ao examinar os lugares sociais, os gêneros e as cenas de enunciação que organizam a circulação dos discursos. Desse modo, a análise da

linguagem envolve as formas linguísticas, as posições dos sujeitos e as instituições nas quais os enunciados adquirem legitimidade. Enfim, as concepções de Freud e Lacan permanecem atuais porque permitem compreender que o sentido não se forma apenas pela escolha consciente das palavras, pois resulta de outros processos em outros níveis individuais e interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar de que maneira a linguagem participa da constituição do sujeito nas teorias de Freud e Lacan e sua utilidade para os estudos discursivos do sujeito. Para isso, foram examinados o inconsciente como fundamento do sujeito freudiano, a função do significante, do Outro e da ordem simbólica na teoria lacaniana, bem como as aproximações entre Psicanálise, Linguística Geral e Análise do Discurso. A análise permitiu observar que o sujeito de uma fala não se apresenta como unidade plenamente consciente, pois a constituição de um sujeito autônomo envolve conflitos psíquicos, formações inconscientes e relações simbólicas que ultrapassam o domínio da vontade individual do falante.

Na teoria freudiana, os sonhos, os atos falhos, os lapsos e os sintomas, demonstram que o inconsciente produz efeitos por meio de imagens, palavras, substituições e associações. A primeira e a segunda tópicas, explicam que a vida psíquica se organiza por sistemas e instâncias em conflito, no qual o Ego não exerce controle integral sobre o Id, o Superego e as representações recalçadas. Em Lacan, essa divisão recebe formulação vinculada à linguagem, visto que o sujeito surge nas relações entre significantes e no campo do Outro. Desse modo, a releitura lacaniana preserva fundamentos

freudianos, contudo amplia a função da linguagem na constituição da subjetividade.

A linguagem exerce a função estruturante porque organiza as formas pelas quais o sujeito interpreta a própria experiência, ocupa posições discursivas e estabelece relações sociais. Nos estudos da enunciação e da Análise do Discurso, essa concepção permite compreender que os sentidos dependem da história, da ideologia, da memória discursiva e das condições de produção. Por isso, o sujeito não controla integralmente aquilo que diz. Por conseguinte, a contribuição da Psicanálise para os estudos linguísticos encontra-se na compreensão da subjetividade dividida, cuja manifestação ocorre nas ambiguidades, nos silêncios, nas repetições e nas contradições presentes no discurso.

Como limitação, a pesquisa permaneceu no campo bibliográfico, qualitativo e teórico-conceitual, sem análise de material clínico ou de *corpus* discursivo específico. De igual modo, a extensão do artigo exigiu a seleção de conceitos e obras, sem aprofundar as fases das teorias freudiana e lacaniana. Estudos futuros podem examinar a constituição do sujeito em relatos clínicos, produções escritas, discursos digitais, práticas educacionais ou materiais midiáticos. Também podem investigar as relações entre inconsciente, ideologia, memória discursiva e novas formas de subjetivação, considerando-se os modos pelos quais a linguagem participa das experiências sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes,

2005.

BONFIM, Leilane Gabriela de Souza. **Um diálogo entre Freud e Lacan fundamentado no caso “O pequeno Hans”**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

BUENO, Maria Lúcia da Silva; KESSLER, Carlos Henrique; WIECZOREK, Rodrigo. Psicanálise e linguística: intersecções e cortes. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 34, e6068, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/6068>. Acesso em: 31 jul. 2026.

COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em tempos sombrios. *In*: FERNANDES, Heloisa Rodrigues (Org.). **Tempo do desejo: sociologia e psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 109-136.

COUTO, Luís Flávio Silva. O inconsciente como representação em Freud e as imagos no primeiríssimo ensino de Lacan. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 533-551, ago. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682021000200533&script=sci_arttext. Acesso em: 31 jul. 2026.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (1900)**. Tradução de Paulo César de Souza. *In*: FREUD, Sigmund. Obras completas: A interpretação dos sonhos (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 13.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id (1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. *In*: FREUD, Sigmund. Obras completas: O ego e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente (1915)**. Tradução de Paulo César de Souza. *In*: FREUD, Sigmund. Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IMANISHI, Helena Amstalden. Metáfora e significação: a construção de sentidos em análise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 11-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/qn6jrHKrnQqbCnwGjCFTLwz/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine Laznik Penot, com colaboração de Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise.** Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

OLIVEIRA, Joyce Bacelar. O inconsciente lacaniano. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 109-120, jul. 2012. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Psicanalise%26barrocoemrevista/2012/vol10/no1/7.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, Silvano Messias dos; ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Psicanálise e a escrita de si: uma escrita sobre a**

escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 24, e1982-4017-24-07, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/Vj9FwL39GC9wLtm8Vwjz9B/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VERNIZI, Rosangela; LUSTOZA, Rosane Zétola. O tempo lógico lacaniano como agente transformativo na clínica psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 27, e271026, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-271026>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/994S7PgBGPrTVtPcqYZb5dd/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

Texto rascunhado a partir da pesquisa de 'A constituição do sujeito' iniciada em fevereiro de 2022 entre os grupos PDA-DGP-IFRO, *campus* Cacoal e GPLin-DGP-UNIFAL, *campus* Alfenas; e finalizada em julho de

¹ Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9648583745536616> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X> Professor Titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Cacoal-RO. Acadêmico do Curso de Direito, do Centro Universitário Mauricio de Nassau (UNINASSAU), *campus* Cacoal-RO. Licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (UNEB/FFCLC). Licenciado em História (UNICV). Especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória (CUBM). Especialista em História da Cultura Indígena e Afro-brasileira (FAMART). Especialista em Antropologia Brasileira

(FAMART). Especialista em Direito Internacional (FACEO). Mestre em Linguística (UNIR). Mestre em Science in Legal Studies, Emphasis in International Law (MUST). Doutor em Ciências da Educação (UTIC).

Doutor em Estudos da Linguagem (UNICAP). Fez estágio pós-doutoral em Ciências da Educação (UFLO). Fez estágio pós-doutoral em Cartografia Social (UEMA). Professor permanente no PPGL-UNIR; PPGAgro-UNIR; ProfLETRAS-IFRO. Colaborador no PPGL-UNEMAT.

Pesquisador associado ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, PNCSA-UEA (Centro de Ciências e Saberes dos Povos e

Comunidades Tradicionais de Terreiro - *Carmelita Nunes da Conceição* 'CARMÉ'). Atualmente coordena o *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas* (NEABI-IFRO, *campus* Cacoal). Lidera o grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (DGP/CNPq-PDA-IFRO).

Pesquisador na Web of Science Researcher iD: PQA-4188-2026.

Pesquisador, escritor, músico e poeta. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/6396955256879565> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9221-0432> Professor Titular no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Idealizador da Semântica de Contextos e Cenários, que inaugurou os estudos de Semântica Cultural no Brasil. É licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (UNIR). Mestre em Semântica (Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP-SP). Doutor em Linguística (UNIR). Fez estágio pós-doutoral em Semântica (Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP-SP). Autor de mais de 65 livros entre eles: literários, científicos e fotográficos. Com mais de 400 artigos científicos e de opinião publicados no Brasil e no exterior. Tem experiência de Ensino e de Pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando

principalmente nos seguintes temas: Ensino de Língua Materna, Alfabetização, Descrição Linguística e Teorias Semânticas da Linguagem. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9082088538564147> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2442-4954> Licenciada em Letras/Português e Literaturas (União das Escolas Superiores de Cacoal, UNESC, *campus* Cacoal-RO). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português (Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal, FACIMED, *campus* Cacoal-RO). Mestrado em Ciências da Linguagem (Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR). Doutora em Linguística (UNEMAT). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal. Membro do grupo de Pesquisa: Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia/IFRO-CNPq. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estudos da Língua e Linguagem, Linguística Aplicada e Formação Continuada de Professores. Co-autora do Projeto de Ensino, Pesquisa, Extensão: Simpósio PDA-IFRO, *campus* Cacoal. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)